

Afetividade e valores segundo Edith Stein

Affectivity and values according to Edith Stein

Martina Korelc

<https://orcid.org/0000-0002-7381-3438> – E-mail: martina.ufg@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta a explicação fenomenológica da dimensão afetiva da pessoa humana e da sua relação com os valores, no pensamento da Edith Stein. O que diferencia a abordagem deste tema segundo a autora é precisamente a orientação para a explicação da pessoa humana: os diferentes tipos de vivências afetivas, conforme a sua origem em diferentes estratos da alma, constituem a pessoa, que se faz conhecer pela sua abertura aos valores que nas vivências de sentimentos são apreendidos.

Palavras-chave: Edith Stein. Afetividade. Valores.

ABSTRACT

The article presents the phenomenological explanation of the affective dimension of the human person and its relationship with values, in the thought of Edith Stein. What distinguishes the approach to this theme according to the author is precisely the orientation toward the explanation of the human person: the different types of affective experiences, according to their origin in different strata of the soul, constitute the person, who makes herself known by her openness to the values that in the experiences of feelings are apprehended.

Keywords: Edith Stein. Affectivity. Values.

A vida afetiva é um vasto campo de vivências subjetivas, de emoções, sentimentos, afetos, estados de humor..., enquanto uma das modalidades da nossa relação com o mundo e com outras pessoas no mundo, entrelaçada com as demais modalidades desta relação. Analisando

as modalidades da relação com o mundo, Husserl, seguindo a tradição, distinguiu entre atos teóricos, avaliativos e de vontade ou práticos; todos eles, na sua raiz comum, pressupõem um ser afetado pelo mundo e a capacidade de reagir, responder às afecções. A afetividade pressupõe a abertura da subjetividade ou da pessoa ao mundo, e esta abertura é um sinal da espiritualidade da pessoa. Edith Stein a analisa no contexto do seu estudo da pessoa humana, isto é, enquanto iluminadora da constituição da pessoa humana. Nisto se distingue de Husserl, a quem interessam os sentimentos enquanto um tipo particular de atos da consciência intencional. Ambos destacam a relação entre sentimentos e valores, mas em Edith Stein também o mundo dos valores é analisado enquanto ilumina a compreensão da pessoa humana. A pessoa é, por assim dizer, um centro de valores que se mostra na sua personalidade precisamente através dos valores para os quais se abre e se engaja. No presente texto apresento em traços gerais a concepção dos sentimentos e a sua relação com os valores no pensamento da Edith Stein, sobretudo enquanto proporcionam a compreensão da pessoa humana.

Sentimentos e a constituição da pessoa

Já Husserl sublinhou que é próprio dos sentimentos serem vivências que fazem parte da estrutura da própria subjetividade; eles não são doadores apenas de alguma propriedade do mundo, como todas as vivências intencionais, mas me fazem apreender algo de mim mesmo, sujeito que sente. Também as sensações, enquanto doadoras da matéria para a percepção, por exemplo, podem ser interpretadas como algo no sujeito e algo objetivo, indicando uma propriedade do objeto; contudo, por causa da intencionalidade que é a orientação do nosso espírito para os objetos, o aspecto subjetivo das sensações parece ser mais claramente evidenciado somente pela reflexão. Nos sentimentos, esta referência ao sujeito é essencial, segundo Husserl, a sua 'localização' no sujeito faz parte da estrutura interna do sentimento. (SMITH, 1976, p. 97). É impossível ter um sentimento e não o apreender como algo meu.

Edith Stein segue esta indicação de Husserl. Nos atos teóricos, de percepção, representação, ou de pensamento inferencial, diz a autora, o sujeito está dirigido ao objeto ou a um estado de coisas de tal maneira que o eu e seus atos permanecem inteiramente em segundo plano e pode acontecer que o sujeito esteja totalmente absorvido na consideração do objeto. Certamente sempre existe a possibilidade de dirigir um olhar reflexivo sobre si mesmo, mas isto pode não acontecer, sem que por isso falte algo à apreensão do objeto. Nas vivências dos sentimentos, porém, isto não é possível. O sujeito dos sentimentos vivencia a si mesmo. A partir desta característica dos sentimentos, Edith Stein sublinha que os sentimentos por isso revelam algo da subjetividade: revelam a sua profundidade. O sujeito "vivencia os sentimentos como provenientes do 'fundo do seu eu'" (STEIN, 2008, p.116). Isto introduz uma diferença na consideração do sujeito em Edith Stein, em relação a Husserl. Não se pode falar mais do eu puro, que faz parte da estrutura transcendental da consciência, pois este não tem profundidade. "Com isto está ao mesmo tempo dito que este eu que 'se' vivencia não é o eu puro, pois o eu puro não tem nenhuma profundidade. O eu, porém, que é vivenciado no sentimento, tem estratos de diferente profundidade, que se desvelam enquanto deles surgem sentimentos" (STEIN, 2008, p. 116).

Com isso, a autora orienta a análise da afetividade para a descrição da constituição e da estrutura da pessoa humana, na qual o conceito da alma vem a ter um significado peculiar¹,

¹ Segundo Bénédicte Bouillot, esta orientação da Edith Stein é um afastamento em relação ao idealismo transcendental de Husserl, que se pode reconhecer já nas primeiras obras do período fenomenológico da autora, como precisamente se vê no seu trabalho sobre a empatia. A análise da esfera imanente da consciência conduz ao reconhecimento de uma transcendência, não

diferentemente de Husserl, portanto, que analisa os diferentes atos e vivências intencionais da consciência transcendental. A pessoa humana é uma unidade de diferentes dimensões, nomeadamente corpo, alma e espírito. As diferentes modalidades da vida afetiva dizem respeito aos diferentes estratos da alma humana, da qual provêm e na qual se enraízam. Os sentimentos revelam não apenas estratos de diferentes profundidades, mas também as características pessoais, o caráter, enquanto este se relaciona com a abertura aos valores. “Nos sentimentos não nos vivenciamos apenas como existentes, mas também enquanto feitos de um modo determinado, eles nos manifestam características pessoais” (STEIN, 2008, p. 117). Numa alegria transbordante, ou numa dor exacerbada, por exemplo, vivencio a minha passionalidade e o seu lugar em mim, no mesmo ato em que elas se dão, sem necessitar de um novo ato de percepção ou objetivação.

Nalgumas obras Edith Stein caracteriza a afetividade como provindo de uma faculdade ou potência específica da interioridade ou da alma, chamada ânimo [*Gemüt*]. No texto *Indivíduo e comunidade* fala dos sentimentos como atos do ânimo [*Gemütsakte*], seguindo nesta terminologia Husserl; no texto *Estrutura da pessoa humana*, o ânimo é definido como o centro da alma, a “alma da alma”, como o seu ‘lugar’ interior e mais profundo, de capital importância para a compreensão de si da pessoa humana e para a vida pessoal conforme a própria essência; no *Ser finito e Ser eterno*, a autora o chama de “coração”. É nesse centro e nessa profundidade que a pessoa recebe o sentido e o valor do que encontra no mundo e é a partir desse centro que toma posição e responde.

Este interior não pode ser desvinculado do todo que percebe, pensa e quer e que faz do corpo material um corpo humano vivo e dotado de configuração pessoal. A língua alemã usa para isso o termo *Gemüt*. Quando se refere a ele como alma, trata-se da ‘alma da alma’, o ponto onde a alma está consigo mesma, onde se encontra e se encontra tal como é e em estado em que em cada momento está, é também o ponto onde acolhe interiormente o que apreende pelos sentidos e pelo entendimento, o capta no seu significado e o confronta consigo, o conserva e disso haure forças, ou será daí atacada (STEIN, ESGA 14, p. 105/ 707).²

O ânimo pode ser compreendido como a capacidade da pessoa de sentir-se afetada e interpelada pessoalmente pelo que lhe vem ao encontro; a resposta pessoal é primeiramente afetiva, mas esta motiva e exige também ação de inteligência e da vontade, que se encontram relacionados com o ânimo. “A alma que conhece, que sai de si pelo querer e que no ânimo está em si mesma e se confronta interiormente com o que recebe, é sempre uma e a mesma” (STEIN, ESGA 14, p. 105; 707-708).

a transcendência do mundo, cujo sentido foi o objeto de debates dos discípulos de Husserl, mas a da alma. Cfr. (BUILLOT, 2015, p. 27). Segundo Jean-François Lavigne, a alma no pensamento de Edith Stein é “transcendência pré-imanente”, “o substrato que possui de modo duradouro a potencialidade do pensar e do agir. [...] Esta substância não é nem objetivada, nem constituída pela subjetividade. Não se trata de um correlato intencional – e sim, do fundamento ontológico pré-transcendental da *afetividade*, que é, por sua vez, a condição de possibilidade de cada intencionalidade e ato intencional” (LAVIGNE, 2015, p. 229).

² As referências a algumas obras da autora, das quais não tive acesso à edição impressa da obra completa em original, são da edição digital, seguidas pela página da tradução espanhola da obra completa, ou da tradução portuguesa, no caso em que está publicada.

A respeito do ânimo no pensamento da Edith Stein temos na literatura diferentes interpretações. Nicoletta Ghigi o define como uma particular sensibilidade da alma, que manifesta a sua parte mais profunda e se exprime como reação afetiva e consciente aos estímulos sensíveis ou espirituais que provém do exterior; é o que possibilita uma recepção e uma resposta pessoais, pois cada indivíduo sente ou recebe de maneira própria e pessoal o mundo que habitamos em comum. (Cfr. GHIGI, 2011, p. 105). Para esta autora, o ânimo enquanto consciência individual do ser afetado é próprio também dos animais, não apenas das pessoas humanas. Garcia Rojo o elenca entre os tipos de sentimentos, como um tipo especial de vivências, os sentimentos pessoais. Segundo Hanna-Barbara Gerl-Falkovitz, o ânimo seria “a força fundamental para se entusiasmar por tudo o que é humano” (ROJO, 2020, p. 24).

Nos movimentos e nas disposições do ânimo, a alma toma consciência do seu próprio ser e daquilo que ela é e como é, e assim ela reconhece também a importância do outro ser para si própria bem como a qualidade específica e o valor inerente das coisas fora dela, de outras pessoas e de objetos não pessoais. O órgão da identificação do ser, em sua totalidade e em sua peculiaridade, está inserido no centro de seu ser [...]. Atribuímos ao ânimo um papel de grande importância no organismo global da alma. Ele exerce uma função cognitiva essencial, é o centro de controle em que a constatação do ser é comutada em posicionamento pessoal e ação. Mas, para estar à altura de sua tarefa, precisa da colaboração da razão e da vontade (STEIN, ESGA 13, p. 69/115-116).

O significado ulterior desta sensibilidade implicada nos sentimentos será esclarecido mais adiante ao falarmos sobre os valores.

Diferentes tipos de vivências afetivas

As vivências afetivas se diversificam, enquanto se enraízam e revelam diferentes níveis da estrutura humana.

Já Husserl distinguia entre quatro dimensões ou estratos de vida afetiva, sem, contudo, os relacionar aos estratos da subjetividade: o sentimento sensível [*Sinnliche Gefühlesmpfindungen*], sentimentos intencionais enquanto atos de apreensão de valores, reação emotiva a valores e estado de ânimo [*Stimmung*] como efeito ou repercussão de um estado emotivo em todas as vivências subjetivas (MELLE, 2012, p. 88).

De modo semelhante, Edith Stein distingue entre diversos tipos de vivências afetivas, relacionando-as aos estratos da pessoa. Por meio destas vivências, ao tocarem e afetarem a profundidade da pessoa em diferentes níveis, a pessoa é constituída, pois toma consciência de si mesma, segundo a autora. Sobretudo os estratos mais profundos só se manifestam e são despertados ao serem vivenciados desse modo. Se numa pessoa essas profundidades não são tocadas, elas permanecem encobertas, latentes e a pessoa vive como fora de si, alheia a si mesma.

Em primeiro lugar, há as vivências relacionadas ao corpo e à sensibilidade: sentimentos sensíveis ou sensações de sentimento [*sinnlichen Gefühle, Gefühlsempfindungen*], como o prazer numa impressão sensível, ou a dor sensível, impressão agradável ou desagradável. Estas vivências afetivas partem de um dado sensível particular, localizável no corpo, como o sabor doce de algum alimento, o toque macio de algum tecido, ou o som de um instrumento; porém, diferentemente da mera sensação, esses dados tocam a esfera do eu, contudo apenas na superfície, no estrato mais externo ou superficial, no qual se vivencia a sensibilidade. São o modo como uma determinada situação da minha corporeidade me afeta e me faz perceber o meu ser.

Outra modalidade de sentimentos são os sentimentos comuns [*Gemeingefühle*], ou sentimentos vitais, ligados à corporeidade, como o cansaço e o vigor, bem-estar ou mal-estar, vivacidade ou torpor. Distintos desses, mas, contudo, com características semelhantes, são os estados de ânimo ou humor [*Stimmung*], não ligados ao corpo e sim a todas as vivências subjetivas, como o modo de se sentir da subjetividade, como melancolia, ansiedade, angústia, ou paz, serenidade... O que lhes é comum é que não se trata de atos doadores ou intencionais, mas colorações de atos; não são vivenciados nalgum estrato do eu, nem na profundidade, nem na superfície, segundo a autora; preenchem todos os estratos, difusamente, e coloram com a sua luz todas as vivências atuais. Se estou angustiado, todas as vivências ressentem deste humor, são por ele 'coloridas'. O humor tem um aspecto totalizador na pessoa e uma relação estreita com os sentimentos intencionais e demais vivências, que pode ser precisamente expressada por esta metáfora de luz e cor.

A modalidade específica da afetividade são sentimentos propriamente ditos, sentimentos também chamados de espirituais, que são atos intencionais, os atos do ânimo [*Gemütsakte*]. Neles distinguimos o ato de sentir e o sentimento, ou o conteúdo do sentir; enquanto vivências intencionais, são sentimentos de algo, orientados para um objeto, do qual revelam ou doam algum aspecto. Husserl distinguiu diferentes intencionalidades desta orientação para o objeto, enquanto provinda do eu e constituindo o objeto, ou enquanto reação subjetiva a certas dimensões do objeto. Sem desconsiderar estas diferenças, Edith Stein as integra na descrição da totalidade desse fenômeno afetivo, nos quais os diferentes aspectos e intencionalidades da mesma vivência se interpenetram.

Distinguiu-se entre 'sentir' [*Fühlen*] e 'sentimento' [*Gefühl*].³ Não creio que essas designações digam respeito a modos de vivência diferentes, mas apenas às diferentes orientações da mesma vivência. O sentir é a vivência enquanto nos dá um objeto ou algo no objeto. O sentimento é o mesmo ato, enquanto aparece como provindo do eu ou descobrindo um estrato do eu. Com isso é necessário ainda uma especial orientação do olhar, para tomar como objeto os sentimentos, o seu brotar do eu e esse próprio eu. Essa orientação do olhar é especificamente diferente da reflexão [...]. Por outro lado, é especificamente diferente da passagem da vivência de segundo plano [...] para um *cogito* específico [...]; pois, dirigir-se para o sentimento não é a passagem de um dado do objeto ao outro, mas a objetivação de algo subjetivo (STEIN, 2008, p. 117).

Os diferentes aspectos da mesma vivência afetiva podem, portanto, ser tomados em consideração e objetivados por uma específica atitude ou orientação do olhar. Isto não se desvela apenas na análise e descrição fenomenológicas, mas pode também apontar para as diferentes características das pessoas: algumas são mais orientadas para o aspecto subjetivo do sentimento, para o ressoar em si mesmo de algo do mundo, enquanto outras pessoas estão prevalentemente orientadas para a dimensão do mundo que nos sentimentos vem à doação. Pois, pelos sentimentos intencionais nos são dados valores. Falaremos desta importante propriedade dos sentimentos mais abaixo.

O último tipo de vivências afetivas são sentimentos ou atitudes [*Gesinnung*] dirigidos às pessoas e ao valor das pessoas ou valores pessoais, como amor, ódio, gratidão, admiração. Estas vivências se situam nos estratos mais profundos da pessoa; entre eles há diferenças de profundidade, pois o amor se situa no estrato mais profundo que o mero afeto, segundo a autora (STEIN, 2008, p. 120/185); os estratos mais profundos não podem ser acessados por outro tipo de vivências, o que evidencia a sua importância para as relações intersubjetivas e a especial importância dessas para a constituição da pessoa e das comunidades, enquanto a pessoa é essencialmente em relação com outras pessoas.

Sentimentos enquanto atos fundados e o papel da sensibilidade

Os sentimentos são por essência atos fundados, isto é, pressupõem como condição outros atos. Nomeadamente, são fundados sobre os atos teóricos de sensibilidade e de entendimento, que são atos doadores de objetos. Pois para ser afetado por um objeto ou uma particular propriedade do objeto, esse objeto deve me ser dado. Para me alegrar com a beleza de uma pai-

³ A distinção referida aqui não é de Husserl, mas de Scheler, na sua obra *Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik*. (Cfr. CRESPO, p. 12).

sagem, por exemplo, a paisagem deve me ser dada num ato de percepção ou recordação; para sentir admiração pela bondade de uma ação de uma pessoa, devo saber sobre essa ação.

Os sentimentos podem ser caracterizados, conforme dito antes, como atitudes ou reações perante um conteúdo objetivo do qual se toma conhecimento, como se a doação de um objeto faça surgir no sujeito a reação afetiva. Ao analisar esta característica, a autora destaca neles o papel da sensibilidade, pressuposta como vivência fundante em todos os atos fundados; nos sentimentos, contudo, ela desempenha um papel distinto, se comparados com outros atos, porque a vivência emotiva requer um material sensível próprio. Por exemplo, observo uma paisagem e isto me enche de prazer: os dados sensíveis referentes à paisagem me são dados; contudo, há nesta observação, no sentir prazer, elementos hiléticos próprios, que autora chama de “conteúdos egóicos” [*ichliche Gehalte*], referentes ao estado do eu: um sentimento de prazer, de bem-estar. Os sentimentos intencionais evidentemente não são explicáveis meramente pelos dados sensíveis, mesmo se tratando de “conteúdos egóicos”: segundo a autora, na base deles surge uma “apreensão espiritual” [*geistige Auffassung*] que os converte em portadores de uma doação de sentido, de um novo mundo de objetos: o mundo dos valores (STEIN, ESGA 6, p. 113; 370), que são definidos por Stein como o que é para si valioso e importante para um determinado sujeito.

Sentimentos e valores

Dediquemo-nos agora à relação peculiar entre sentimentos e valores, estreitamente relacionada ao tema da intencionalidade dos sentimentos. Esta relação foi estudada por Dilthey e Brentano, assim como a seguir por Husserl e contemporaneamente a ele por Max Scheler; Edith Stein certamente recebeu desses últimos dois autores alguma inspiração que orientou a sua própria pesquisa pessoal, e essa encontrou expressão já nas primeiras obras de cunho fenomenológico, como mencionado.

Nos textos Introdução à Filosofia [*Einführung in die Philosophie*] e Contribuições para a fundamentação filosófica da psicologia [*Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*], encontramos explicitadas algumas reflexões a esse respeito, ao expor o tema do caráter individual e do núcleo da pessoa.

Assim como a percepção sensível é doadora dos objetos de natureza, o sentir afetivo, por ser intencional, é a consciência doadora do mundo dos valores. Sentir o valor significa apreender algo como importante, desejável, atraente, ou o oposto disso. Essas propriedades dos objetos são precisamente a sua relação com um eu ou valência para um eu, por isso os dados sensíveis nas vivências dos sentimentos são dados ou “conteúdos egóicos”, nos quais uma dimensão da subjetividade é afetada e vivenciada. Pois, os valores não se dão originariamente numa consciência teórica, mas afetiva; as faculdades cognitivas do sujeito podem ser atualizadas e postas em ação por algo meramente externo ao sujeito e sem lhe dizer respeito e o envolver pessoalmente; os valores, por sua vez, são o que toca o sujeito na sua integralidade, enquanto pessoa (COSTA, 2015, p. 240-241). Os sentimentos são a moção interior despertada pelo que tem valência para a pessoa, isso é, pelas propriedades valorosas dos objetos.

Tal como sentimentos intencionais são atos fundados, de modo paralelo também os valores, na concepção da Edith Stein, não têm uma existência independente no mundo, mas fundada sobre o ser dos objetos, aparecendo como qualidades dos seres que são seus portadores. Como alerta Husserl nas *Ideias*, deve se distinguir entre a mera coisa e o seu caráter de valor, a sua valência, que numa orientação apropriada vem à consciência como o próprio valor na sua

objetividade. “A objetividade-valor implica a sua coisa, ela introduz, como nova camada objetiva, a valência”, diz Husserl (2006, p. 219). Edith Stein reitera que as qualidades de valor constituem um novo estado ôntico nas coisas, distinto das qualidades coisais ou materiais, fazem com que as ‘meras coisas’ se tornem ‘bens’ [*Gütern*]. Os valores pressupõem, portanto, o ser das coisas, sem as quais não podem existir. (ESGA 6, p. 98; 804).

Em relação à objetividade do valor enquanto objeto do sentir, Edith Stein esclarece que com cada sentir e ato de valorar está relacionado um determinado sentimento, um estado do eu que agita a corrente das suas vivências e com sua descarga provoca uma mudança. (ESGA 6 p. 97; 803) A intensidade e a profundidade desta intervenção dependem da elevação do valor, ou seja, da sua ordenação em relação aos demais valores. Os valores se ordenam, pois, segundo seu âmbito em ordem hierárquica. Às diferenças entre os valores correspondem as diferenças da consciência, na qual eles vêm à doação. À diferença principal entre os valores positivos e negativos corresponde a diferença entre ser atraído ou ser repelido; à elevação dos valores na hierarquia corresponde a profundidade com a qual intervêm na vida afetiva da pessoa. Deste modo, a vida afetiva não é essencialmente desordenada ou caótica; na vida interior, os sentimentos se integram, conforme sua relação com os valores e juntamente com outras potências da alma, numa unidade ordenada. Pois há uma lei racional regulando esta relação, que torna possível aplicar o critério de certo ou errado numa valoração, como faz possível avaliar o caráter.

A cada valor corresponde um ato de sentir, no qual esse valor vem à doação adequada. É próprio de cada ato causar uma impressão de uma determinada força sobre a pessoa, agitar o seu ânimo numa determinada profundidade e exercer um efeito correspondentemente duradouro sobre o fluxo do seu vivenciar. E se o valor é um valor a ser ainda realizado e se esta realização está ao alcance da pessoa que sente o valor, ele exige que ao sentimento corresponda um ato de vontade orientado para a sua realização e uma ação (STEIN, ESGA 6, p. 97-98).

Se o sentimento não atua de acordo com esta legalidade, ele é irracional, afirma a autora, assim como a vontade e o agir que não correspondem à motivação do valor; ao mesmo tempo, em correspondência à compreensão da pessoa e sua abertura aos valores, na pessoa nesse caso se manifesta uma falta de caráter.

Aquele que fica profundamente impressionado, isto é, afetado no ponto nuclear do seu eu, ao perder propriedade, sente ‘irracionalmente’, inverte a ordem dos valores ou lhe falta em geral o entendimento afetivo [*fühlende Einsicht*] dos valores superiores e lhe faltam os estratos pessoais correlativos (STEIN, 2008, p. 120; 184).

À correta e adequada apreensão de todos os valores corresponde em teoria uma pessoa ideal; em comparação com esse ideal, todos as pessoas empíricas possuem faltas de caráter, que podem ser corrigidas pela formação, pelo sempre melhor conhecimento de si mesmo e empenho em melhorar o próprio caráter.

O sentir e a tomada de posição em relação aos valores

No sentir [*Fühlen*] originário, assim como em outros atos fundados, além da apreensão de uma propriedade valorosa do objeto, devemos distinguir ainda um outro tipo possível de atitude ou resposta da parte do sujeito, analisada já por Husserl: tomada de posição [*Stellungnahme*]. Trata-se de uma atitude muito importante para a constituição do caráter da pessoa, pois as to-

madras de posição pessoais nos marcam e moldam, tendem a sedimentar-se em determinadas características mais duradouras.

Segundo Husserl, nas vivências fundadas sobre outras vivências, como nos juízos, sobre os simples atos de apreensão de algum objeto se fundam atos dóxicos, que põem o ser do objeto, ou o não ser, a incerteza de ser, etc. Nos atos de valorar e de querer, esses atos dóxicos têm a forma análoga, de tomada de posição, pois neles algo é posto – precisamente o valor, ou o objeto da vontade, o querido (Cfr. HUSSERL, 1976, par. 116-117, p. 266ss/260ss). Ao efetuar tal posição, há um posicionar-se do sujeito em relação ao ser ou não ser, ou ser assim, desse objeto, como uma decisão ou uma crença a respeito do objeto.

Para Edith Stein, sentir e sentimento também implicam esses dois aspectos: os atos pelos quais os objetos se apresentam a nós como carregados de valor, como bens, e atitudes ou tomadas de posição [*Stellungnahme*] que os valores desencadeiam em nós. Esta duplicidade no fenômeno afetivo-valorativo, o aspecto de apreciar afetivamente o valor e a emoção como resposta ao valor, foi objeto de muitas análises de Husserl, que a tentou explicar distinguindo dois tipos de intencionalidade nas vivências afetivas. Para Edith Stein, não se pode separar os dois atos. Há uma relação de fundamentação entre os dois atos, que é difícil de penetrar e esclarecer; nessa relação é também possível uma diversificação de orientações do olhar nos quais aspectos diferentes da vivência afetiva são ressaltados. Esta questão é abordada pela autora no escrito *Indivíduo e comunidade*, analisando o papel dos dados sensíveis e a intencionalidade que opera a partir deles.

Já ressaltamos que numa vivência de sentimento há dois tipos de afecção: pelos dados do objeto e pelos “conteúdos egóicos”, que são o ressoar dos primeiros na interioridade da pessoa. Os dois tipos de ‘conteúdo’ são ‘matéria’ para o ato fundamentado de sentir o valor. O exemplo da autora é a observação de uma paisagem e a apreensão da sua beleza. O valor da beleza de uma paisagem sentido por mim é o motivo da alegria, que é a resposta à beleza. O sentir alegria é desse modo uma resposta afetiva à apreensão da beleza. Se emoção é uma resposta, a apreensão do valor da beleza deve ser caracterizada como em si priva de afetividade? Posso, sim, ver a beleza e não obstante permanecer ‘frio’ perante ela, não sentir emoção. Trata-se ainda, nesse caso, da apreensão da beleza, pergunta a autora? Em que sentido a beleza é sentida? O que é próprio da apreensão dos valores, o que distingue sentir o valor de uma simples percepção sensível no caso da observação da paisagem e da sua beleza, por exemplo, para Stein, é que valores significam um apelo ao sujeito e pressupõem uma “competência” do sujeito de se abrir aos valores e ser afetado por eles.

Parece primeiramente como se sobre o fundamento do ‘conhecimento da coisa’ (a observação da paisagem) acontece apenas o conhecimento do valor e depois a tomada de posição do ânimo [*Gemütsstellungnahme*] (a alegria). [...] Com que razão designamos a própria apreensão do valor como sentir? [...] Mas a beleza não é como as qualidades sensoriais do objeto, às quais ela adere; essas não me impõem pretensão alguma; posso as perceber, mas não preciso me ocupar com elas a seguir, não me dizem respeito. A beleza, por sua vez, exige que eu me abra interiormente a ela, que deixe determinar o meu interior por ela, e enquanto este contato não é estabelecido, enquanto eu lhe permaneço devedor da resposta que ela requer, ela não se desvela plenamente para mim, e a intenção que habita o mero conhecimento permanece não preenchida. O valorar plenamente preenchido é, portanto, sempre um sentir, no qual a intenção para o valor e a reação de resposta são unidas, e onde falta a viva participação do eu, esta está substituída por uma intenção não preenchida (STEIN, ESGA 6, p. 113-114/370-371).

Ser capaz de se abrir e apreender o apelo dos valores é, portanto, constitutivo do sentimento do valor e, por outro lado, constitutivo do sujeito enquanto ‘sujeito do valorar’, enquanto

apreciador dos valores. O apreciar os valores é um sentir, porque implica conteúdos egóicos que são 'sensíveis', na medida em que são afecções da alma. Eles podem dar-se independentemente de o objeto portador do valor ser sensível ou não. Os conteúdos objetivos das meras coisas, por sua vez, não são por si mesmos constitutivos da apreensão do valor.

Para argumentar contra a plena correspondência entre os dados objetivos apreendidos no objeto e os valores, Edith Stein aponta que o mesmo mundo objetivo, o mesmo estado de coisas, pode despertar sentir diferente ou diversificada captação de valor nos indivíduos diferentes; pode haver, por outro lado, a apreensão do valor sem que haja conteúdos objetivos, apenas dados egóicos. A autora cita o exemplo de apreciação da elegância dos argumentos, ou quando sentimos o ato de perdoar como prazeroso ou alegre, ou quando sentimos com um desprazer a própria inveja. O fato que as qualidades de valor aparecem nas qualidades dos objetos sensíveis como inseparáveis deles dá-nos a compreender que os dados não egóicos, isto é, os que são referidos ao mundo externo, sejam eles sensíveis ou não, nunca são privados do acompanhamento dos dados egóicos. Toda a constituição dos objetos está acompanhada pela constituição de um valor. O mundo de meras coisas isentas de valor é uma abstração, diz a autora, possível pelo fato de não nos entregarmos igualmente a todas as intenções que podem elevar-se sobre o que nos é dado. Compreender o sentido pleno e total do mundo implica para a pessoa uma aproximação 'abrangente', não redutora – que fenomenologicamente pode ser diferenciada em diversas atitudes. Se adotamos uma atitude teórica, vemos meras coisas, quando adotamos atitude axiológica, vemos valores... (ESGA 6, p. 114; 372).

Restam, contudo, ainda a esclarecer os dois atos de resposta ao valor, a distinção entre a apreensão do valor e a tomada de posição da pessoa diante dele. A esse respeito a autora argumenta que os conteúdos egóicos têm uma dupla função constitutiva: por um lado, são o material para a constituição da percepção do valor, por outro lado, o material para a resposta, a tomada de posição, do sentimento.

O sentir o prazer, que enquanto 'matéria' funda a minha apreensão da beleza de uma cor, funda ao mesmo tempo a minha alegria com esse valor. O mal-estar, em virtude do qual se me revela o valor negativo da inveja, é ao mesmo tempo constitutivo para a minha vergonha ou arrependimento (STEIN, ESGA 6, p. 114-115; 372).

Sentir como apreensão do valor e a reação afetiva ao valor percebido, portanto, não são vivências essencialmente diferentes, mas duas atitudes perante o mesmo dado, que entretanto se relacionam e se completam, contribuindo para a plena apreensão do valor. Também a respeito da distinção entre apreensão e a tomada de posição é possível distinguir entre orientações diferentes, orientar-se mais para um ou outro aspecto e assim ressaltar por um lado o valor como objeto ou a resposta e a tomada de posição subjetiva; se me entrego inteiramente à beleza enquanto valor, a alegria estética fica no segundo plano; se, por outro lado, me entrego à alegria, a percepção do valor fica em segundo plano. Um ou outro aspecto, portanto, exigem uma atitude do eu e dela dependem. Para a captação do valor, é necessária a competência interna [*Zuständigkeit*] do sujeito, o de ser afetado ou tocado internamente, no próprio ser. Pode haver casos de pessoas que sejam cegas para algum tipo de valores ou inclusive para todos os valores.⁴

⁴ Segundo Ingrid Vendrell Ferran, esta posição da Edith Stein que considera o ato de sentir e o sentimento como dois lados do mesmo fenômeno, que a aproxima de Husserl e distingue de Scheler, é relevante por a aproximar também das posições atuais que definem sentimentos como percepção dos valores. Por outro lado, o seu modelo mantém a distinção aberta entre o ato e o estado do sentir, o que é importante para explicação dos casos da apreensão do valor sem a reação emotiva e para os casos da cegueira perante os valores. Conferir Vendrell Ferran (2017, p. 77).

Quanto aos dados egóicos que são presentes como o 'material' para a captação de valor e para as tomadas de posição afetivas, Edith Stein lista algumas diferenças entre eles, enquanto importantes para a constituição de diferentes domínios de valores, em correspondência aos estratos da pessoa já mencionados e aos tipos de vivência afetiva. Dor ou prazer sensíveis são conteúdos que tocam o sujeito periféricamente, mesmo quando são intensos, não penetram na profundidade da alma; podem entrar na constituição das vivências intencionais de sofrimento ou gozo, e dos valores correspondentes: agradável e apazível e os seus respectivos contrários. Outro tipo de conteúdos são aqueles, que só podem ser dados 'encarnados' nas vivências intencionais dirigidas a algo objetivo, por exemplo, gratidão, confiança, admiração; nestes casos, o objetivo a que são dirigidas as vivências são pessoas, qualidades e formas de conduta pessoais ou valores específicos da esfera pessoal. O sujeito vivencia em si uma impressão provinda de outra pessoa, que é o fundamento para a apreensão de um valor pessoal. Em outras vivências a pessoa experimenta a si mesma e apreende o seu próprio valor.

A tomada de posição perante um valor é importante sobretudo no caso da experiência intersubjetiva, por isso a autora dedica mais reflexão às tomadas de posição perante as outras pessoas. As pessoas, como suas qualidades ou ações, são portadoras de valores. As tomadas de posição em relação a outra pessoa se dirigem a essa pessoa na sua qualidade individual, radicada no núcleo da pessoa: por exemplo, amor, confiança, gratidão, fé na pessoa, ou as atitudes opostas, tais como ódio, desconfiança. Em tais atitudes se afirma ou nega, reconhece ou rejeita, o valor da própria pessoa.

No ato de amor há um alcançar ou intencionar o valor pessoal, que não é valor por causa de algum outro valor; não amamos uma pessoa porque faz o bem, o seu valor não consiste em fazer o bem (ainda que nisso se manifeste), mas ela mesma é valorosa e a amamos por causa dela mesma (STEIN, 2008, p. 120; 185).

A apreciação do valor e a atitude adotada diante dele se exigem e fomentam reciprocamente: enquanto não se vivencia a tomada de posição requerida, o valor não é apreendido plenamente. Por isso, o amor pela pessoa se fundamenta no reconhecimento do valor da pessoa amada; por outro lado, somente quem ama, apreende plenamente o valor de uma pessoa (ESGA 6, p. 149/422). Os valores, também o valor das pessoas, pode por isso ser captado com intensidade e plenitude variadas, conforme a atitude que a pessoa toma perante os valores e as pessoas.

Objetividade dos valores

A objetividade dos valores defendida pela Edith Stein situa a sua teoria dos valores numa corrente fenomenológica chamada realismo axiológico.⁵

Embora a autora fale do material fundante da apreensão dos valores como "conteúdo egóico", os valores não são meramente correlatos subjetivos, como afirmado acima. Aliás, nem esses conteúdos, nem os valores são meramente subjetivos. Os valores possuem uma objetividade própria a cuja apreensão corresponde um determinado modo de sentir e que pode também se tornar o objeto de um ato próprio de valorar, dirigido, portanto, não mais ao por-

⁵ Segundo Vendrell Ferran, a esta corrente se opõem teorias a respeito dos sentimentos que consideram os valores como criações subjetivas, cujos representantes seriam Sartre e Merleau-Ponty. O exemplo de um realismo estrito dos valores seria a teoria de Scheler; a posição de Edith Stein na corrente realista seria uma posição original, contudo mais próxima de Husserl, por considerar a importância da constituição subjetiva, da correlação entre atos constitutivos e os valores. (Cfr. VENDRELL FERRAN, 2017, p. 79-84).

tador do valor, mas ao próprio valor. Podem ser assim objetivados nas vivências, porque possuem um sentido objetivo que os faz aptos a serem encarnados em diferentes objetos ou serem apreendidos em vivências supraindividuais, coletivas ou comunitárias.

No fundo, os dados egóicos e os objetos que eles constituem não são mais subjetivos que os dados alheios ao eu [*ichfremden Daten*] e o mundo exterior. Ambos têm sua própria absoluta individualidade, que não é indiferente para a constituição, mas estabelece um vínculo para com o indivíduo e seu mundo circundante (tanto o mundo de coisas como de valores). Ambos, porém, têm também um núcleo de sentido destacável da coloração individual das vivências, que os torna aptos para a constituição dos objetos supraindividuais (STEIN, ESGA 6, p. 117; 376).

O núcleo de sentido que dá objetividade aos valores faz com que estes não podem ser reduzidos a uma construção ou interpretação arbitrária do sujeito. Pertencem ao domínio ou região de ser essencial, atemporal.

Os 'bens' nascem e desaparecem. Mas o que dá a um ente a significação de um bem, o que chamamos 'valor', pertence ao domínio do ser essencial. Não somente o que o ente considerado em si é, mas também sua significação na totalidade dos entes – ou seja, o valor – está pré-designado desde toda a eternidade (STEIN, 2006, p. 273; 339).⁶

É este sentido espiritual, o ser essencial, que penetra na alma e esta pode receber em si, receber dele força e orientação para o seu agir. Todo ser possui sentido e com isso valor: seja enquanto "espírito objetivo" (STEIN, ESGA 14, p. 95ss; 693-695), pelo qual está penetrado todo ser, inclusive o ser material, pois "cada elaboração material está cheia de espírito" (STEIN, 2006, p. 321; 400), seja enquanto espírito subjetivo, vivo, isto é, a pessoa: as pessoas humanas são portadoras de sentido e de valor por excelência, e por causa delas também suas obras.

A pessoa, correspondentemente a sua abertura, pode reconhecer os valores, acolhê-los em si, assumi-los como fins da vontade, motivos para a ação. Os valores possuem uma força apelativa, eles me apresentam certas exigências ou pretensões [*Anforderung*], algo que é desejável que seja, algo que a minha vontade, conforme suas possibilidades, deve querer realizar.

O que penetra no interior constitui sempre uma chamada [*Aufruf*] à pessoa. Uma chamada à sua *razão* enquanto força para que se "perceba" espiritualmente, ou seja, para *compreender* o que acontece. Trata-se aqui de uma chamada à *reflexão*, ou seja, à busca do *sentido* do que se lhe apresenta. Uma chamada à *sua liberdade*: já a busca intelectual do sentido é um ato livre. Mas além disso, a alma exige um comportamento conforme com esse sentido [...]: cada sentido compreendido exige um comportamento correspondente e possui, ao mesmo tempo, uma força motora para impulsionar a alma à ação exigida. [...] É evidente que não se trata [...] de um acontecimento natural, mas de *chamada e resposta*. A pessoa [...] deve "tomar posição" livremente (STEIN, 2006, p. 369-370; 455-456).⁷

⁶ Pode parecer que nessa distinção entre valores e bens, a autora tome em consideração apenas valores positivos, os que de fato agregam ao objeto alguma propriedade pela qual este pode ser considerado um bem. Considerados mais amplamente, os valores podem ter também 'valência' negativa. Contudo, a designação de objetos portadores de valores como bens é metafísica, como é evidenciado na obra *Ser finito e Ser eterno*, onde a autora esclarece a relação transcendental entre ser e bem: "Na medida em que um ente está determinado a dar uma perfeição a outro ente, chamamo-lo 'um bem'. O que lhe dá a qualidade de bem: o significado para os demais, fundado em seu Quid, recebeu na filosofia moderna o nome de 'valor'". (Cfr Stein, 2006, p. 272; 338, tradução modificada por mim).

⁷ Segundo a Bénédicte Bouillot, "a acolhida dos valores é vivida pelo sujeito como uma *convocação*, que convida a uma tomada de posição e incita a tornar efetivos os valores positivos através das situações dadas, ou a afastar aquilo que é portador de valores negativos" (BOUILLLOT, 2015, p. 171).

Muito interessante para a compreensão as vivências afetivas e dos valores é também o que a autora escreve sobre a ordenação da sua relação com a esfera vital, com a força ou energia vital implicada na vida da alma. Como todas as vivências psíquicas, também sentimentos e a apreciação dos valores exigem e consomem certa quantidade de força vital. Porém, eles também são fonte dessa força, enquanto são motivadores e impulsionam o querer e o agir da pessoa. Os valores, além de orientar a minha ação, são vivificantes (ESGA 6, p. 149; 422).⁸ As tomadas de posição, desencadeadas pelos valores, dão à alma força impulsiva. Esta força, ou a sua diminuição, pode ser comunicada, nas tomadas de posição de afirmação ou negação do valor das pessoas: o amor, por exemplo, vivifica o amante e o amado, o ódio destrói intersubjetivamente as forças. Entre os sentimentos e a esfera vital também existem relações essenciais, a propriedade dos sentimentos de conferir ou destruir forças da alma. Estes efeitos dos sentimentos são relacionados com as qualidades dos sentimentos, cada sentimento possui o seu efeito específico: a tristeza atua paralisando, o prazer animando etc. (ESGA 6, p. 153; 427).

A valoração subjetiva, embora constitutiva da possibilidade da apreensão dos valores, é ela mesma submetida à apreciação como correta ou não, apreciação realizada pela razão e conforme à racionalidade própria da estrutura hierárquica dos valores. Edith Stein não se demora na explicitação desta estrutura, enquanto o seu interesse em relação aos valores é voltado para a compreensão da sua importância para a pessoa humana e para a formação da pessoa, para a educação da afetividade, em direção à abertura sempre mais autêntica e pessoal aos valores mais elevados.

Como um último aspecto desta caracterização da objetividade dos valores quero lembrar o que a autora escreve em diversas obras sobre a essência do espírito: é próprio do espírito abrir-se, sair de si, em direção ao outro de si (ESGA 14, p. 65; 648). A pessoa, enquanto ser espiritual, é aberta ao mundo transcendente, a outras pessoas, aos valores que a transcendem. Todo ser dotado de valor é apreendido adequadamente somente quando a alma se lhe abre; o apreender pleno significa o acolher em si o que transcende a alma e ao mesmo tempo sair de si mesma da alma, em direção ao que a transcende, operando e criando valores. (ESGA 6, p. 162; 440).

Sentimentos, valores e caráter da pessoa

No fim desta apresentação quero voltar brevemente a atenção para a relação entre as vivências emotivas, abertura aos valores e a manifestação e formação do caráter pessoal. Segundo a autora, cada pessoa possui potencialidades e propriedades habituais que a caracterizam na sua individualidade, e que se enraízam e desenvolvem a partir do que ela chama de núcleo pessoal, a essência absolutamente individual, não constituída, de cada pessoa, que determina as possibilidades do seu desenvolvimento e do amadurecimento. É neste núcleo que se fundamenta também a abertura ou o acesso ao mundo dos valores. No núcleo pessoal se funda o caráter de cada pessoa, no seu sentido específico (ESGA 6, p. 167; 448). O que é individualizado como caráter não são todos os tipos de características da pessoa, mas especificamente aquelas disposições originárias, nas quais se manifesta a disponibilidade para os valores. Para a autora, a abertura para os valores, a capacidade de estimar os valores de natureza diferente, é uma característica essencial da pessoa, a que lhe pertence mais propriamente, e mais intimamente e a caracteriza. Pois nas vivências do ânimo, dos sentimentos e da vontade, a

⁸ "O que cai sob os sentidos é a expressão do espiritual que exige ser recebido na alma para adquirir a vida. Mas, enquanto se recebe essa vida na alma, desenvolve-se uma força dispensadora da vida" (STEIN, 2006, p. 367; 452).

pessoa desperta no seu íntimo, porque a toca o que é mais próprio do seu íntimo, algo que não acontece nas vivências intelectuais, por exemplo. Quando tocada no íntimo, a pessoa se abre ao mundo dos valores. Por isso as qualidades do caráter refletem o que alma é em si mesma – não a sua inteligência, ou a capacidade de pensamento, mas o que a motiva, como acolhe os valores e se comporta em relação a eles, como se alegra, sofre ou se entristece. Compreendemos quem é determinada pessoa pelo mundo dos valores no qual ela vive, pelos valores aos quais é acessível e que os cria, diz a autora (ESGA 6, p. 160; 437-438).

A interpelação dos valores, por sua vez, enquanto afetam a pessoa, motivando-a a se expressar, a sair de si, a agir em direção da realização dos valores, situa-se em profundidades diferentes na alma. Quanto mais elevado é um valor, mais profundamente está situada a fonte de vivência desse valor e o comportamento que ele motiva. Em cada pessoa há um fundo ou centro no qual ela é mais propriamente si mesma, e as ações que brotam desse centro são as mais unificadas e integradas. Quando a pessoa é capaz de abrir-se nessa profundidade e viver a partir dela, apreende autenticamente o significado e o valor de tudo.

O eu pessoal se encontra inteiramente como em casa no mais interior da alma. Se vive nessa interioridade, dispõe da força completa da alma e pode utilizá-la livremente. Além disso está, então, o mais próximo possível do sentido de tudo o que acontece, e está aberto às exigências que se lhe apresentam, muito bem preparado para medir seu significado e sua transcendência (STEIN, 2006, p. 370; 456).

Cada pessoa, pelas suas vivências afetivas, pelo seu sentir-se afetada pelos valores, descobre-se a si mesma, suas profundidades ou sua capacidade de ser tocada intimamente em profundidade, ao mesmo tempo em que descobre valores⁹; como também pode empaticamente conhecer uma outra pessoa a partir das suas expressões, reações e ações.

Ao responder ao apelo dos valores e agir conforme a eles, realizando o que se lhe oferece como bem e diminuindo ou reprimindo a influência do que é reconhecido como valor negativo, a pessoa forma o seu caráter e como que expande o seu ser¹⁰, aprofunda a sua receptividade e amadurece as capacidades dadas a partir do núcleo pessoal. Os estratos da pessoa não podem propriamente se desenvolver, mas podem ser descobertos, atualizados, ao serem tocados pelo que possui valor. “A pessoa humana recebe o seu ser dos valores, que lhe dão consistência”, segundo a bela expressão da Bénédicte Bouillot (2015, p. 173). Esta possibilidade de formação de si a partir da ação livre é fundamento para toda educação, como também é essencial para a constituição e crescimento das comunidades, pela contribuição pessoal dos indivíduos, da sua abertura e engajamento pessoal na realização dos valores mais elevados.

As relações com outras pessoas, como já salientado, são também fundamentais para a constituição da pessoa e para a descoberta de si mesmo e do sentido do mundo. Pois encontrar o mundo de valores de outra pessoa pode também proporcionar-me, pela empatia, um acesso

⁹ Conhecer-se exige penetrar na profundidade, até o centro do próprio ser. Este conhecer-se é um sentir-se, como um “conhecimento espiritual”. “Dissemos que a alma ‘sente’[*spürt*], porque se trata, sem dúvida, de um conhecimento espiritual, mas de nenhuma maneira de um conhecimento racional claro que se deixasse captar conceitualmente e traduzir em palavras. [...] Em sua interioridade, a alma sente o que ela é e como é de uma maneira obscura e inefável que lhe apresenta o mistério se seu ser *enquanto* mistério, sem descobri-lo. Por outro lado, ela leva em seu *quid* a determinação do que deve *chegar a ser*: por meio do que recebe e do que faz. Sente se isso que acolhe em si com seu ser próprio, se lhe é proveitoso ou não, se suas ações vão ou não no sentido do seu ser. A isso corresponde o estado em que ela se ‘encontra’ depois de todo contato e confrontação com o mundo” (STEIN, 2006, p. 372; 458).

¹⁰ “Aquele que quer, quer apropriar-se de um bem para conseguir prazer e, com isso, assegurar-se um certo [...] aumento do seu ser” (STEIN, ESGA 16, p.109; 220).

aos valores que não possuo, aos quais ainda não estou aberto, e abrir-me as dimensões e estratos do meu ser ainda não despertados. “Ao empatizar posso vivenciar valores e descobrir estratos correlativos da minha pessoa para cujo desvelamento a minha vivência originária não me ofereceu a ocasião” (STEIN, 2008, p. 133/199). Como exemplo, Edith Stein cita valores religiosos, que um não-crente pode descobrir ao encontrar uma pessoa religiosa e apreender o valor religioso como motivo do seu agir. Este exemplo do início do seu percurso filosófico, resultante provavelmente da sua experiência pessoal, parece-me curioso, se lembrarmos que a sua vida e a reflexão filosófica se orientaram a penetrar sempre mais profundamente, nas obras de maturidade, precisamente na direção desta dimensão da existência humana, a dimensão da abertura à transcendência divina, como fonte de sentido e de valor de tudo o mais, e talvez como motivo para continuar escrevendo, a fim de proporcionar a abertura deste valor a outras pessoas.

Conclusão

Ao analisar os fenômenos da afetividade, Edith Stein traz importante contribuição para a compreensão da pessoa humana, do significado da abertura aos valores e do engajamento pelo que é valoroso para a formação da pessoa e para a compreensão do sentido do mundo que se desvela nesta abertura. O próprio valor de ser pessoa e de ser pessoalmente tocado pelo que encontramos no mundo, especialmente outras pessoas, como que resplandece através da sua reflexão, mostrando-se como porta de abertura do sentido do mundo. Pelo seu penetrar nas profundidades da sua pessoa e da sua compreensão do sentido, capaz de iluminar também quem lê os seus escritos, confirma o valor da reflexão filosófica e da partilha desta reflexão. Faz nascer o sentimento de gratidão pela sua vida e pelo que a sua vida e a sua reflexão nos ensinam.

Referências

- BOUILLLOT, B. *Le noyau de l'âme selon Edith Stein. De l'épochè phénoménologique à la nuit obscure*. Paris: Hermann Éditours, 2015.
- COSTA, V. Volontà e persona. A partire da Edmund Husserl e Edith Stein. In: ALLES BELO, A.; ALFIERI, F. *Edmund Husserl e Edith Stein. Due filosofi in dialogo*. Brescia: Editrice Morcelliana, 2015. p. 233-251.
- CRESPO SESMERO, M. Sobre el Sentimiento de Valor en Edith Stein. *Steiniana: Revista De Estudios Interdisciplinarios*, v. 2, n. 1, 2018, p. 9–31.
- GHIGI, N. *L'orizzonte del sentire in Edith Stein*. Milano: Mimesis, 2011.
- HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie*. Karl Schuhmann (Hrsg.). The Hague, Martinus Nijhoff, 1976. (Husserliana III).
- HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.
- LAVIGNE, J.-F. Anima e soggettività. La prospettiva fenomenologica di Edmund Husserl e confronto con l'antropologia di Edith Stein. In: ALES BELLO, A.; ALFIERI, F. *Edmund Husserl e Edith Stein. Due filosofi in dialogo*. Brescia: Editrice Morcelliana, 2015. p. 215-232.

MELLE, U. Husserls deskriptive Erforschung der Gefühlserlebnisse. In: BREUER, R.; MELLE, U. (Eds.). *Life, Subjectivity and Art. Essays in honor of Rudolf Bernet*. Springer, 2012.

NUNES, E. P. L. Constituição do outro e do si mesmo. A partir da *Einfühlung* em Edith Stein. *Ideas y Valores* 68, n. 171, 2019, p. 105-121.

ROJO, E. G. El mundo de los sentimientos em Edith Stein. *Revista de Espiritualidad* n. 79, 2020, p. 443-475.

RUS, E. *La personne humaine em question. Pour une anthropologie de l'intériorité*. Paris: Ad Solem, Cerf, Éditions du Carmel, 2011.

SMITH, Q. Husserl and the Inner Structure of Feeling-Acts. *Research in Phenomenology* v. 6, n. 1, 1976, p. 84-104.

STEIN, E. *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften. Individuum und Gemeinschaft*. Disponível em: ESGA 6 (edith-stein-gesellschaft.org). STEIN, E. *Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. Individuo y comunidad. Em: Obras Completas, II. Escritos antropológicos y pedagógicos*. Trad. Esp. C. R. Garrido, J. L. Caballero Bono. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria: Ediciones El Carmen/Burgos: Monte Carmelo, 2002, p. 341-520.

STEIN, E. *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften. Psychische Kausalität*. Disponível em: ESGA 6 (edith-stein-gesellschaft.org). STEIN, E. *Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. Causalidade psíquica*. Trad. C. R. Garrido, J. L. Caballero Bono. Em: *Obras Completas, II. Escritos antropológicos y pedagógicos*. Trad. Esp. C. R. Garrido, J. L. Caballero Bono. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria: Ediciones El Carmen/Burgos: Monte Carmelo, 2002. p. 215-339.

STEIN, E. Christliches Frauenleben. Em: *Die Frau. Fragestellungen und Reflexionen*, p. 63-90. Disponível em: ESGA 13 (edith-stein-gesellschaft.org). STEIN, E. "Vida cristã da mulher". Em: *A mulher. Sua missão segundo a natureza e a graça*. Trad. Port. A. J. Keller. Bauru: EDUSC, 1999. p. 105-133.

STEIN, E. *Einführung in der Philosophie*. Disponível em: ESGA 8 (edith-stein-gesellschaft.org). STEIN, E. *Introducción a la Filosofía*. Em: *Obras Completas, II. Escritos filosóficos*. Trad. Esp. C. R. Garrido, J. L. Caballero Bono. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria: Ediciones El Carmen/Burgos: Monte Carmelo, 2002, p. 671-912.

STEIN, E. *Endliches und ewiges Sein. Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. Freiburg: Herder, 2006. STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Port. Z. C. Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

STEIN, E. *Der Aufbau der menschlichen Person*. Disponível em: ESGA 14 (edith-stein-gesellschaft.org). STEIN, E. *La estructura de la persona humana. Em: Obras Completas, IV. Escritos antropológicos y pedagógicos*. Trad. Esp. F. J. Sancho, J. Mardomingo, C. R. Garrido, C. Dias, A. Perez, G. F. Aginaga. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria: Ediciones El Carmen/Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 590-591.

STEIN, E. *Zum Problem der Einfühlung*. Freiburg: Verlag Herder, 2008. STEIN, E. *Sobre el problema de la empatía. Em: Obras Completas, II. Escritos filosóficos*. Trad. Esp. C. R. Garrido, J. L. Caballero Bono. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria: Ediciones El Carmen/Burgos: Monte Carmelo, 2002. p. 79-203.

STEIN, E. Der Intellekt und die Intellektuellen. In: *Bildung und Entfaltung der Individualität. Beiträge zum christlichen Erziehungsauftrag*. Disponível em: ESGA 16 (edith-stein-gesellschaft.org). STEIN, E. "El intelecto y los intelectuales". Em: *Obras Completas, IV. Escritos antropológicos y pedagógicos*. Trad. Esp. F. J. Sancho et. al. Madrid: Editorial de Espiritualidad; Vitoria: Ediciones El Carmen; Burgos: Monte Carmelo, 2003. p. 215-229.

VENDRELL FERRAN, I. Intentionality, Value Disclosure, and Constitution: Stein's Model. In: MAGRÌ, E.; MORAN, D. (Eds.). *Empathy, Sociality, and Personhood. Essays on Edith Stein's Phenomenological Investigations*. Springer International Publishing, 2017. p. 65-85.

Sobre a autora

Martina Korelc

Possui graduação em Pedagogia Especial Para Portadores de Deficiência - Univerza v Ljubljani (1991). Bacharelado em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa (1996), licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (1999), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (2001) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006). Fez o estudo pós-doutoral no Husserl-Archiv Freiburg da Albert-Ludwigs-Universität Freiburg (2010-2011). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Goiás, atuando principalmente nos temas de fenomenologia, metafísica e ética.

Recebido em: 10/08/2022

Received in: 10/08/2022

Aprovado em: 20/09/2022

Approved in: 20/09/2022